

Lições da insensatez

Moacir Werneck de Castro

DIZEM que o presidente José Sarney andou estes dias mergulhado na leitura do livro *A Marcha da Insensatez — De Tróia ao Vietnã*, da historiadora norte-americana Barbara W. Tuchman, cuja tradução foi recentemente lançada pela José Olympio Editora. Não vejo bem como ele teria tido folga para se debruçar sobre episódios perdidos no tempo e no espaço, estando tão atribulado com o quebra-cabeça do ministério. De qualquer forma, pelas dúvidas, tratei de me enfronhar na obra para estar por dentro das lições que ela possa trazer ao responsável máximo pelo nosso destino imediato.

Barbara Tuchman não é uma historiadora in. O cenáculo dos mestres do ramo, a ortodoxia da ciência histórica a têm na conta de uma intrusa que, embora versada em fatos, sobretudo da *petite histoire*, não ergue vôo no campo da teoria. E Barbara apresenta outro defeito difícil de perdoar: seus livros se vendem às centenas de milhares de exemplares. Um(a) historiador(a) *best-seller*, pode? Não pode. Entra logo na categoria dos cronistas, dos folhetinistas. Mas que é um historiador? Como dizia o inglês F. S. Mansfield, é “uma espécie de jornalista que se especializa em informação de segunda mão”...

Um professor de São Paulo escreveu um artigo que arrasava com o livro de Tuchman. Está certo, sob o critério canônico. Realmente, não se pode conceber o desenrolar dos acontecimentos históricos em função da “racionalidade” que ela propõe. Ou seja: a historiografia despreza o condicional, rejeita as cogitações sobre o que *poderia* ter sido, as alternativas que seriam possíveis se os homens no comando de seus povos e países não fizessem determinadas besteiras... históricas.

Tudo bem. Mas acontece que malgrado esse não enquadramento na ortodoxia, o livro de Barbara Tuchman é uma leitura interessante — e sobretudo útil. Ela escolheu um filão muito original e o explora com um instrumental de conhecimentos a que cumpre render homenagem.

A abertura da “marcha da insensatez” com o caso de Tróia é particularmente feliz. Os troianos revelaram-se, mais que insensatos, uns verdadeiros panacas — se me perdoam a expressão vulgar, imprópria para um tema que inspirou Homero e Virgílio. Príamo abriu a porta da cidadela ao famoso cavalo de pau, recheado de guerreiros gregos, quando o mais elementar bom senso mandava deixá-lo do lado de fora. De repente, o cerco fora suspenso: o inimigo se retirou e ficou “a coisa” suspeitíssima, plantada diante dos muros. O povo, assustado, gritava que se queimasse ou se jogasse aquilo no mar. Advertiram sucessivamente contra o perigo o sábio conselheiro Cápis, o Velho, Laocoonte, sacerdote de Apolo, e a pitonisa Cassandra, filha de Príamo. “*Timeo Danaos et dona ferentes*” (“temo os gregos, mesmo quando dão presentes”), dizia Laocoonte, segundo o bardo. Ainda depois de tomada a decisão, houve vários indícios claros de que se tratava de um ardil. Tudo em vão. Prevaleceu a insensatez. O Cavalo de Tróia entrou, e a cidade desapareceu do mapa.

Outros episódios focalizados pela historiadora são os erros dos papas que abriram caminho à Reforma protestan-

te, a irracionalidade dos governantes ingleses que os fez perder a América e a imperturbável burrice de Washington na conduta da guerra do Vietnã. Este último capítulo é aquele em que a autora mais se aproxima do *quod erat demonstrandum*, isto é, a existência de um “pensamento racional” viável, que poderia conduzir o Governo dos Estados Unidos pelo caminho do senso comum e do menor prejuízo para os interesses do país, como aliás pregavam consideráveis setores da sociedade americana.

A minuciosa reconstituição da seqüência de mancadadas da política de Washington no Sudeste asiático, já a partir do fim da Segunda Guerra Mundial, é uma leitura da maior oportunidade para governantes que não queiram deixar-se arrastar pelos diversos estágios da insensatez — que vão, segundo a autora, da “paralisia mental” no começo, passando pela multiplicação da política errada até o encarniçamento no fracasso, a fatal persistência no erro.

Barbara Tuchman mostra como, apesar das advertências dos Laocoontes modernos que preveniam a Casa Branca, o Congresso e o Pentágono sobre o plano inclinado do desastre no Vietnã, as lideranças, com Lyndon Johnson à frente, se obstinaram no erro e no crime, massacrando anos a fio o povo vietnamita, enquanto, em nome dos supremos valores norte-americanos, afundavam o país numa guerra da qual, como dizia o conselheiro James Rowe ao presidente, “o que as pessoas querem é cair fora e o único problema está em saber como”.

O livro, enfim, é leitura extremamente proveitosa para presidentes e todos aqueles que exercem uma parcela de poder, assim como para os interessados na política em geral.

Por exemplo, acredito que Sarney possa meditar com vantagem sobre esta reflexão da Tuchman: “Para o chefe de Estado nas condições modernas, um dos fatores limitadores é a quantidade de problemas em muitas áreas, o que não permite compreensão sólida de qualquer deles, além do tempo reduzido para pensar entre compromissos e resumos de 30 laudas. Isso deixa o campo aberto à estupidez protetora. Enquanto tal acontece, a burocracia repete hoje o que fez ontem, como vasto computador que, uma vez tendo admitido o erro, duplica-o eternamente.”

Acrescenta a autora: “O burocrata sonha com promoção, os altos funcionários desejam aumentar sua alçada, legisladores e presidente buscam a reeleição; a norma-guia nessa corrida é agradar ao máximo e ofender o mínimo.”

A série de episódios inteligentemente coligados e comentados pela historiadora traz implícito o ensinamento de que existe um tipo de insensatez que, embora se disfarce em sabedoria, com vistas a agradar um segmento ocasional da opinião ou do eleitorado, no final das contas tem resultados desastrosos. Eu diria que é esse, por exemplo, o caso da proibição de *Je vous salue, Marie*. O presidente Sarney talvez pense que brilhou, agradando a opinião católica; mas cometeu um sério erro de avaliação e seu governo pagará por isso — sejam quais forem as “habilidades” na montagem de um ministério onde houve lugar, na pasta de Relações Exteriores, para um apologista do governo Médico e idealizador confesso da OBAN. Estamos a nove meses de uma eleição que vai alterar todo o quadro político do país. Quem viver, verá.